

AFERIÇÃO DO GRAU DE CERTEZA EPISTÊMICA DO CONCEPTUALIZADOR NAS FORMAS DE EXPRESSÃO DE FUTURO: PRESENTE, FUTURO SIMPLES E FUTURO PERIFRÁSTICO

Robson Borges Rua
Mestrado/UFF

Orientadora: Maria Jussara Abraçado de Almeida

Introdução

Normalmente uma das respostas para a pergunta acerca da diferença de significado entre as formas de expressão de futuro no Português Brasileiro (PB) reside em um argumento simplório que insiste em considerar a noção de prestígio, que é atribuída à forma canônica: futuro simples. Contudo, com o intuito de aprofundarmos este debate, lançamos mão de um parâmetro semântico-pragmático, intitulado certeza epistêmica, de modo que pudéssemos desenvolver um estudo mais profundo acerca das formas de expressão de futuro presente do indicativo, futuro simples e futuro perifrástico.

Neste presente artigo, projetou-se uma lupa sobre o parâmetro *certeza epistêmica*, a fim de que fosse possível realizar, com mais afinco, a exploração do parâmetro em questão. Assim, tornou-se viável o desenvolvimento de um ponto de vista em torno da diferença de significado entre as formas de presente do indicativo, futuro simples e futuro perifrástico.

Logo, vale ressaltar que ambas as formas são selecionadas pelo conceptualizador para expressar certeza sobre um conteúdo, já que o corpus é constituído de matérias jornalísticas de jornais digitais. Porém, o aspecto mais relevante que se destaca no presente artigo é justamente a verificação do grau de certeza do conceptualizador.

Por isso, diante do contexto de empregabilidade das formas de expressão de futuro, chama-se a atenção para a pergunta de pesquisa que serviu como ponto de partida para a produção deste artigo: *qual forma de expressão de futuro apresenta maior ou menor grau de certeza epistêmica em relação à realização de um evento?* Com o intuito de respondermos a

essa questão, constituímos um banco de dados formado pela seleção de matérias jornalísticas, das quais analisamos apenas as manchetes e as lides¹.

As matérias foram extraídas de cinco jornais eletrônicos brasileiros, um de cada região do país (Norte: *O Liberal*; Nordeste: *A Tarde*; Centro-Oeste: *Diário da Manhã*, Sudeste: *Jornal do Brasil* e Sul: *Zero Hora*), no período de maio de 2015 a fevereiro de 2016. Esclarecemos que, ao longo deste artigo, selecionamos exemplos de apenas três destes jornais: *Diário da Manhã*, *O Liberal* e *Jornal do Brasil*, em função da extensão desta produção acadêmica. Contudo, nas seções relacionadas a registros percentuais, fizemos uso do total de dados recrutados.

Para desenvolvermos nossos argumentos, lançamos mão dos estudos da Linguística Cognitiva, sobretudo, no que se refere ao conceito de conceptualização (LANGACKER, 2008) e modelos cognitivos acerca do mundo estruturado – modelo epistêmico básico e modelo dinâmico evolutivo – conforme discorre Langacker (1991).

As formas de expressão de futuro em estudo e o processo da conceptualização

O objeto de estudo que foi selecionado para esta pesquisa foram as formas de expressão de futuro mais recorrentes no uso da língua do PB. A saber são o presente do indicativo, o futuro simples e o futuro perifrástico. Percebemos um registro significativo de co-ocorrência destas formas não somente em textos de modalidade oral, como também escrita. Neste trabalho, concentramos nossa atenção nesta última modalidade (gênero notícia jornalística) e verificamos que é muito comum a presença de duas formas de expressão distintas em um mesmo texto. Contudo, dentre os 167 dados selecionados, o exemplo a seguir foi o único que registrou a co-ocorrência das três formas:

(01) Postos Salvador Card fecham neste sábado para serviço

Os postos do Salvador Card não vão funcionar neste sábado, 15. De acordo com a assessoria do Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros de Salvador (Setps), o atendimento nas unidades da Lapa, Iguatemi e Comércio será suspenso para realizar melhorias no Sistema de Bilhetagem Eletrônica. – (*A Tarde* – 12.08.2015).

¹ A lide é o primeiro parágrafo de uma matéria jornalística no qual constam as informações relevantes acerca de um evento, tal como o local de ocorrência, os participantes, o período, entre outras.

Na manchete do exemplo (01) foi empregada a forma presente do indicativo, enquanto que na lide forma empregadas, respectivamente, as formas de futuro perifrástico e futuro simples. Com o intuito de identificarmos a diferença de significado entre estas formas, recorreremos ao conceito de conceptualização, a fim de que pudéssemos analisar o modo como o jornalista (conceptualizador²) perspectiva o evento mencionado em sua matéria, a qual faz referência ao futuro.

Nesse sentido, adotamos o posicionamento de Langacker (2008, p. 29), o qual afirma que na interação “conceptualizamos não só o que estamos falando, mas também o contexto em todas as suas dimensões, incluindo nossa avaliação dos conhecimentos e as intenções de nosso interlocutor”.

Alguns autores tratam a conceptualização como um processo do *construal*, como Verhagen (2007), Croft e Cruse (2004) e Langacker (2008). Este último, discorre acerca de quatro dimensões do *construal*: *especificidade* (leva a consideração a distância de onde uma cena é observada), *focalização* (elementos que são escolhidos para serem observados), *proeminência* (elementos que recebem mais atenção) e *perspectiva* (local de onde se observa uma cena), as quais se resumem na maneira de conceber, enquadrar e conceptualizar um conteúdo. Nesse sentido, o autor toma o conceito de *construal* como o mesmo de conceptualização.

Ao retomarmos o exemplo (01), verificaremos que o conceptualizador concentra a sua atenção em três aspectos fundamentais acerca de sua matéria: o não funcionamento dos Postos Salvador Card, o período em que este evento será realizado e uma fonte confiável. O sábado é o dia da semana em que ocorrerá o fechamento da rede de postos mencionada anteriormente. Logo, podemos concluir que o conceptualizador não anuncia esse dia de modo aleatório em seu texto, certamente, ele publicou essa informação porque provavelmente já havia outras informações prévias acerca da realização desse evento para o dia em questão.

Uma prova disso é justamente a explicitação de uma fonte segura (Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros de Salvador), a qual não só possibilitou que o conceptualizador fizesse uma avaliação do desenrolar dos fatos, como também lhe atribuiu confiança para produzir uma matéria jornalística com grau de certeza elevado sobre a realização do evento, embora se tratasse de um evento futuro.

Ainda no que diz respeito à noção de conceptualização, no exemplo (01), também podemos notar a dimensão “focalização”, quando o conceptualizador restringe o

² Todas as vezes que mencionarmos o termo conceptualizador, neste artigo, é ao jornalista que estamos nos referindo.

estabelecimento comercial onde se dará o evento, nesse caso, os Postos Salvador Card. Além disso, as estruturas de conhecimento, que se encontram armazenadas na mente do conceptualizador, são relevantes para que este produza uma matéria em que esteja expresso um grau alto ou baixo de certeza sobre a realização do evento.

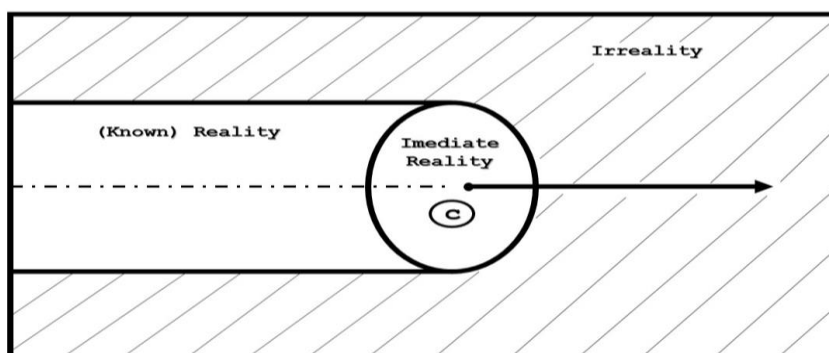
Nessa mesma linha de raciocínio, incluímos também a noção de mundo estruturado em que um evento pode seguir o curso normal da evolução da realidade, dependendo, é claro, da conceptualização do observador. Logo, o futuro não é um fenômeno objetivo que segue fielmente o curso da realidade, mas sim uma conceptualização, uma projeção para uma região que se encontra no percurso futuro da evolução da realidade.

A conceptualização no modelo epistêmico básico

Ao recorrermos aos estudos de Langacker (1991), identificaremos que o autor aborda a questão do tempo futuro como um processo resultante da conceptualização de um determinado evento. Não é interesse de Langacker argumentar sobre o desdobramento de um evento no tempo futuro sob a ótica do termo determinístico³, e sim conceber o futuro como uma realidade que é construída a partir do conhecimento e da crença do conceptualizador.

Desse modo, o autor elabora modelos cognitivos que contemplam a noção de mundo estruturado, em que o conceptualizador ocupa um lugar no espaço, que por sua vez é traduzido como uma realidade que se encontra em evolução. Assim, o futuro é postulado como a região que ainda será interceptada pela evolução da realidade. Para melhor compreendermos esse argumento, analisemos a figura a seguir:

Figura 1 – Modelo epistêmico básico



Fonte: Langacker (1991, p. 242)

³ Na ciência da computação esse termo representa um algoritmo que direciona sempre para a mesma saída: processo automático que, quando programado, é inerente ao percurso do futuro.

A figura 1 apresenta três regiões as quais serão fundamentais para a análise do nosso objeto de pesquisa neste artigo, a saber são: realidade imediata, realidade conhecida e irrealidade. Além disso, no modelo epistêmico básico, há também a presença do conceptualizador (C), o qual está situado na realidade imediata e a representação da evolução da realidade, que se dá por meio do cilindro na posição horizontal.

No que diz respeito às três regiões, a realidade imediata representa o espaço de onde o conceptualizador observa o mundo. É também nessa região que um evento é conceptualizado em seu último estágio de evolução. Já a realidade conhecida, parte interna do cilindro, representa as informações que estão armazenadas na memória do observador, ou seja, esta região concentra registros da experiência do homem com os eventos no mundo e, por fim, a irrealidade representa tudo o que não pertence ao conhecimento do conceptualizador.

Langacker (1991, p. 243), chama a atenção para a natureza de um evento, o qual não é estruturado de maneira independente da perspectivação do conceptualizador. Logo, ele advoga que:

É importante ter em mente que uma situação não pertence à realidade ou à irrealidade, por causa do modo como o mundo tenha verdadeiramente evoluído; ao invés disso, essa pertinência depende da aceitação e do conhecimento do conceptualizador, como sendo parte dessa sequência evolucionária.

Assim, compreendemos que as regiões da realidade e da irrealidade não devem ser concebidas como dois polos opostos, em que determinados eventos podem ser situados tanto em um, quanto em outro, uma vez que a definição de realidade ou irrealidade esbarra na noção de conhecimento e aceitação por parte do conceptualizador. Em outras palavras, um evento só pertence à realidade, se o conceptualizador é conhecedor das informações deste evento e as considera aceitas.

As contribuições do modelo epistêmico básico para este trabalho incidem diretamente no parâmetro da certeza epistêmica, pois o que determina o grau de certeza de um conceptualizador acerca da realização de um evento é justamente o seu conhecimento e a sua aceitabilidade. A título de ilustração, analisemos o exemplo a seguir:

(02) Comissão começa a votar nesta terça reforma política já aprovada na Câmara

A Comissão da Reforma Política se **reúne** nesta terça-feira (11) à tarde para começar a analisar as mudanças na legislação partidária e eleitoral já

aprovadas pelos deputados. **Vence** na mesma data o prazo que os senadores têm para apresentar sugestões de mudanças ao texto. – (*Diário da Manhã* – 10.08.2015)

No exemplo (02), podemos observar que a notícia é elaborada sob a ótica de um grau elevado de certeza, por parte do conceptualizador, em relação à realização do evento, pois há elementos linguísticos no texto, como especificadores circunstanciais (advérbio de tempo) que sinalizam o período de ocorrência do evento no tempo futuro.

Mais do que sinalizar o tempo do evento, o uso do especificador circunstancial no enunciado demonstra também que houve um planejamento anterior, no qual ocorreu a ancoragem do evento com a projeção para o futuro. Se observarmos o exemplo, verificaremos que na região da realidade conhecida do conceptualizador encontra-se armazenada a informação sobre a aprovação da reforma política na câmara, fato que implica em uma série de medidas a serem tomadas pelos parlamentares.

A presente situação funciona nos moldes do *frame*⁴ de causa e efeito, em que o efeito expressa justamente o desenrolar do evento no tempo futuro. Dessa maneira, como o conceptualizador detém informações relevantes acerca do assunto tratado em sua matéria e acredita nelas, o evento é considerado como um fator que faz parte de sua realidade.

No que se refere às formas de expressão de futuro que foram empregadas no texto, verificamos três registros do presente do indicativo em um contexto discursivo de certeza epistêmica elevada do conceptualizador. Ao longo de nossa pesquisa, que por ora apresentamos uma parte neste artigo, debruçamo-nos na análise dos contextos de uso das formas de expressão de futuro, a fim de observarmos qual das três formas de expressão em estudo é registrada com maior frequência em menção a eventos que são conceptualizados com grau de certeza elevado, no que diz respeito a sua ocorrência no futuro.

Chamamos a atenção para o fato de que a certeza epistêmica do conceptualizador dá-se em função da projeção que ele faz para o momento futuro, a considerar as informações de sua realidade, desde a conhecida até a imediata. Esse conhecimento permite que ele projete o evento para o futuro, perspectivando-o como um processo natural determinado pela atividade humana, caso nenhuma energia contrária de força maior impeça a realização dessa atividade, conforme discorre Langacker (1991).

A projeção de um evento para o futuro segue um fator de ordem mental, por meio do qual o conceptualizador especula possíveis atividades, a ter como base as informações do

⁴ Segundo Ferrari (2014, p. 50) “designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência”.

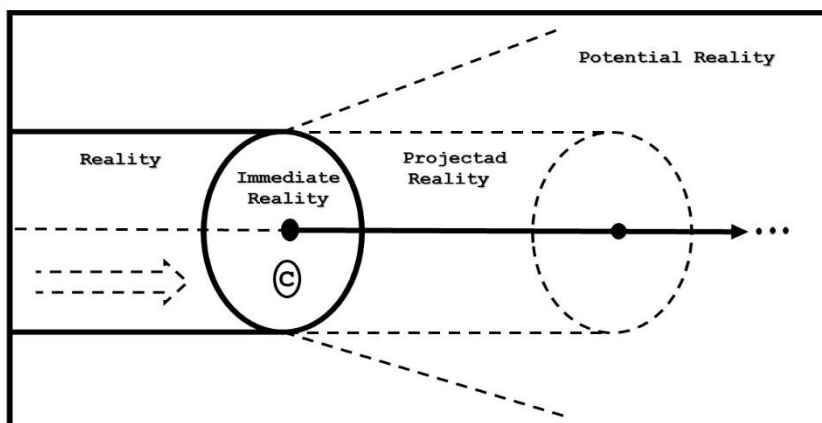
mundo estruturado, no qual o observador está imerso. Para melhor compreendermos a noção da projeção do evento para um momento futuro, é preciso que entendamos a proposta de Langacker (1991), acerca da realidade projetada, que é abordada no modelo dinâmico evolutivo, tratado na subseção seguinte:

A conceptualização no modelo dinâmico evolutivo

O modelo dinâmico evolutivo é uma elaboração mais sofisticada do modelo epistêmico básico, pois o primeiro trata de noções das realidades conhecida e imediata, entretanto, dois novos conceitos são acrescentados a este modelo: a realidade potencial e a realidade projetada.

A realidade potencial representa os possíveis percursos que a realidade poderia seguir ao longo de sua evolução, ao passo que a realidade projetada restringe esse percurso, projetando, portanto, com considerável confiança o percurso da realidade no futuro, segundo Langacker (1991). Analisemos a figura a seguir para compreendermos a proposta do autor:

Figura 2 – Modelo dinâmico evolutivo



Fonte: Langacker (1991, p. 277)

O que precisamos compreender para entendermos os conceitos de realidade potencial e realidade projetada é justamente o percurso desenvolvido pela realidade. Langacker (1991) sustenta o posicionamento de que alguns cursos são excluídos pela realidade; ao passo que outros não o são. Logo, podemos concluir que na trajetória da realidade há caminhos que já são automaticamente excluídos; e há caminhos que não são descartados, porém, dentre estes, alguns se mantêm à margem e, outros permanecerão no itinerário da realidade.

Neste artigo, atribuímos ênfase à noção de realidade projetada, pois é por meio dela que o conceptualizador projeta mentalmente o curso das atividades no mundo estruturado. Em outras palavras, a realidade projetada funciona como uma espécie de extensão, continuação da realidade imediata do conceptualizador, entretanto, mentalizada.

Por ser o percurso que torna possível analisar com determinada confiança um evento no futuro, a realidade projetada é um fator fundamental que ajuda na aferição do grau de certeza do conceptualizador em relação à ocorrência de um evento no futuro. É na realidade projetada que encontramos não só as marcas do conhecimento enciclopédico, no que se refere à experiência do conceptualizador (FILLMORE, 1975, 1977, 1982), como também aspectos que auxiliam no processo de uma atividade humana esperada: planos e programações.

Planos e programações são estruturados na realidade imediata, porém eles implicam na projeção de um evento para a realidade projetada, que por vezes selecionam um especificador circunstancial, que funciona como uma espécie de delimitação da ocorrência do evento na realidade projetada. Além disso, essa realidade também pode explicitar informações acerca da regularidade do evento, configurando-o como uma atividade programada. Com o intuito de melhor explicarmos esses conceitos, analisemos o exemplo a seguir:

(03) Segurança das Olimpíadas terá reforço de 38 mil militares

Cerca de 38 mil militares do Exército, da Marinha e da Aeronáutica vão reforçar a segurança dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, informou hoje (7) o Ministério da Defesa. No Rio de Janeiro, serão mobilizados 20 mil homens, além de 18 mil militares em Brasília, Belo Horizonte, Manaus, Salvador e São Paulo, que receberão jogos de futebol. – (*O Liberal* – 07.08.2015)

A informação tratada no exemplo (03) refere-se ao reforço da segurança em um evento que ocorre com uma certa regularidade: as olimpíadas. O conhecimento de mundo do conceptualizador, intitulado realidade conhecida, permite-o elaborar a informação acerca do evento com um grau elevado de certeza epistêmica, em relação à realização deste evento, por considerar justamente a sua natureza.

O conhecimento de que os jogos olímpicos são realizados em um período de quatro anos (atividade programada) possibilita ao conceptualizador utilizar especificadores circunstanciais no corpo da matéria, a fim de delimitar o período exato da realização das competições olímpicas na história da humanidade. Na notícia em tela, o ano de 2016 é o especificador circunstancial que funciona como o elemento de delimitação do evento na região da realidade projetada.

No que se refere ao reforço da segurança nas olimpíadas, percebemos que essa informação recebe um *status* de confiança por parte do conceptualizador, pois além de ele demonstrar ciência sobre o desenrolar dos fatos, ele faz uso de sua realidade conhecida ao citar as cidades que receberão jogos de futebol durante a competição (Brasília, Belo Horizonte, Manaus, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro), que por sua vez, foram as mesmas capitais que receberam jogos em um torneio de futebol anterior – a Copa do Mundo do Brasil – ele se utiliza também de um discurso de autoridade com o intuito de atribuir sustentação a sua própria informação publicada na matéria.

O Ministério da Defesa é o órgão do governo que possivelmente apresentou os dados precisos sobre o número de militares a serem destinados para as cidades que receberão os jogos de futebol nas olimpíadas. Ao incorporar essa informação a sua realidade conhecida, o conceptualizador tende a elevar a sua crença no reforço da segurança durante o evento.

Contudo, ressaltamos que há situações em que o conceptualizador também se utiliza dos argumentos de autoridades para desenvolver a sua matéria, contudo, não com a mesma intenção de atribuir consistência ao seu texto, mas de desfocar de si a responsabilidade acerca do conteúdo veiculado, fato este que confere um baixo grau de certeza epistêmica em relação à realização do evento. Analisemos o exemplo a seguir:

(04) Dilma reconhece crise e diz que Brasil vai voltar a gerar empregos

A presidenta da república, Dilma Rousseff, demonstrou confiança na volta por cima do país. Ela reconheceu a crise econômica, mas disse que o Brasil vai voltar a crescer. “Hoje estamos passando por dificuldades econômicas. Nós enfrentamos as dificuldades, porque só enfrentando é que se supera a dificuldade. É preciso humildade para reconhecer a dificuldade, mas também coragem para vencer a dificuldade. [...] Podem ter certeza, o Brasil voltará a crescer e gerar empregos”. – (*Jornal do Brasil* – 15.07.2015)

Em (04), podemos observar que o conceptualizador atribuiu à presidente Dilma Rousseff a responsabilidade pelas informações publicadas na matéria. Na própria manchete “Dilma reconhece crise e diz que Brasil vai voltar a gerar empregos” podemos perceber que a conceptualização do evento para a região da realidade projetada faz-se com base no ato de fala da presidente do país.

No interior da matéria, na lide, identificamos uma citação direta do discurso de Dilma Rousseff acerca do crescimento econômico do país. Essa situação demonstra mais uma postura moderada do conceptualizador em relação ao evento em questão. Ao contrário do

exemplo anterior, este exemplo além de explicitar a fonte de uma informação, também apresenta trechos fieis do discurso desta fonte.

Em termos cognitivos, tal recurso tende a perfilar o discurso da autoridade, presidente Dilma Rousseff, em detrimento do posicionamento do autor da matéria. Por esse motivo, o evento em questão é conceptualizado com grau baixo de certeza epistêmica, uma vez que o conceptualizador atribui as responsabilidades à fonte citada.

Quanto ao uso das formas de expressão de futuro, chamamos a atenção para o registro de 4 casos (3 futuro simples e 1 futuro perifrástico) no exemplo (03), e 3 casos (2 futuro perifrástico e 1 futuro simples) no exemplo (04). Embora o primeiro exemplo trate de um evento em que o conceptualizador apresente alto grau de certeza epistêmica em relação a sua realização, e o segundo baixo grau, as formas de expressão de futuro co-ocorrem em ambos os contextos.

Diante dessa situação, adotamos um procedimento metodológico que objetiva identificar a frequência de uso das três formas de expressão de futuro em estudo, tanto para identificarmos qual destas formas é mais selecionada na construção de enunciados que se reportem para a realidade projetada, quanto para constatarmos qual forma de expressão é mais selecionada em contextos em que o conceptualizador apresenta alto grau de certeza epistêmica acerca da realização de um evento.

Os Resultados

Ao que se refere à frequência de uso das formas de expressão de futuro, verificamos que a forma de expressão de futuro simples figura no gênero notícia jornalística com maior intensidade em relação às formas de futuro perifrástico e presente do indicativo. Observemos o levantamento destas três formas no quadro a seguir:

Quadro 1 – Frequência das formas de expressão de futuro

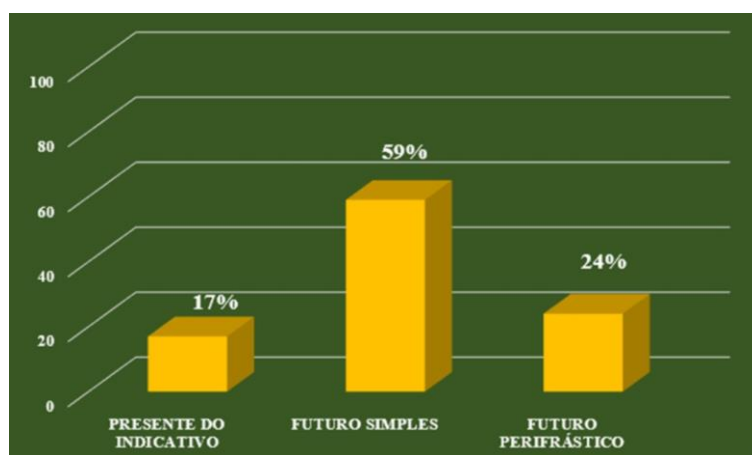
NÚMERO DE NOTÍCIAS	NÚMERO DE CASOS	FORMAS DE FUTURO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
167	343	Presente do indicativo	57
		Futuro simples	202
		Futuro perifrástico	84

Ao verificarmos o quadro acima, chama-nos a atenção a diferença considerável entre o registro do futuro simples em detrimento do presente do indicativo e do futuro perifrástico. Devemos ressaltar que a contribuição para a ocorrência de 202 registros de futuro simples, em nossos dados, deve-se à natureza do gênero selecionado para esta pesquisa (notícia jornalística), que por sua vez é um gênero escrito que ainda privilegia a forma canônica da expressão de futuro.

Não desconsideramos a situação de que os números apresentados no quadro anterior, em relação às formas de expressão de futuro, sejam diferentes em uma pesquisa que selecione um gênero de natureza diferente do qual adotamos para este trabalho. Podemos até supor, com uma certa antecedência, que um gênero oral informal poderia registrar o futuro perifrástico com o maior número de ocorrências. Essa suposição dá-se em função da observação do uso do PB contemporâneo, em que os falantes deste idioma priorizam, na fala, o futuro perifrástico, conforme demonstrado em diversos trabalhos anteriores, como Oliveira (2006), Silva (2011) e Gonçalves (2013).

Já em relação ao gênero notícia jornalística, veiculado no espaço virtual, que é um gênero da modalidade escrita, constatamos as seguintes informações relacionadas à frequência de uso:

Gráfico 1 – Percentual da frequência de uso das formas de expressão de futuro



O gráfico 1 chama-nos a atenção para o fato de haver um registro considerável das três formas de expressão de futuro em um tipo textual produzido no espaço digital. Como o nosso *corpus* é constituído de manchetes e lides de jornais eletrônicos brasileiros, consideramos que a ocorrência do fenômeno de nosso estudo, diversidade de formas de

expressão de futuro, aconteça em função da tentativa do jornalista se aproximar, ao máximo, de sua intenção, no ato da conceptualização do evento, resultando assim na produção e na publicação da notícia.

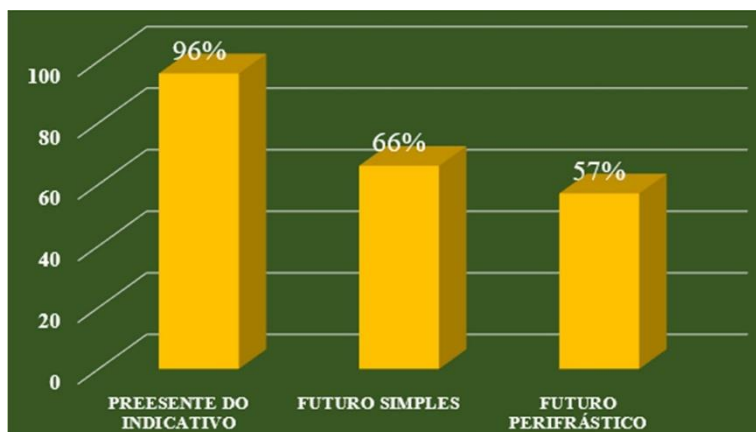
É claro que a forma canônica ainda prevalece como a mais frequente, conforme consta no gráfico 1, porém não podemos desprezar a informação de que a redação de muitos jornais segue um roteiro de padronização da escrita do português, o que de certa forma pode camuflar a ocorrência de muitos fenômenos na língua.

Em termos de frequência de uso das formas de expressão de futuro, consideramos o percentual de 24% para o registro da forma perifrástica um dado relevante, pois tal registro além de desmistificar a ideia de que essa é uma forma de expressão característica do português menos formal no Brasil, permiti-nos direcionar a reflexão das pesquisas no contexto acadêmico para outros nortes, os quais concebem o significado de uma forma de expressão com base no grau de conhecimento de um conceptualizador e na forma como ele perspectiva o evento que estrutura a matéria jornalística.

Ao invés de levantarmos questões de natureza: qual a forma de expressão de futuro mais prestigiada no PB? Ou a mais formal? Propomos um roteiro de pesquisa que se debruce na análise das especificidades de cada forma de expressão de futuro em seu contexto de uso. Assim, partimos da premissa de que cada forma apresenta um significado linguístico, o qual é oriundo do processo da conceptualização.

Dessa maneira, identificamos que no plano semântico-pragmático, há uma diferença de significado entre as formas presente do indicativo, futuro simples e futuro perifrástico, em que a primeira expressa maior certeza epistêmica em relação à realização do evento, uma vez que ela é selecionada com maior frequência em contextos discursivos em que o conceptualizador demonstre certeza sobre o desenvolvimento do evento na realidade projetada; ao passo que o futuro perifrástico é a forma menos selecionada em tais contextos, conforme consta no gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Certeza epistêmica



Se compararmos os gráficos 1 e 2, verificaremos que a forma presente do indicativo é a que apresenta menor registro em termos de frequência de uso das formas de expressão de futuro em estudo, o que não significa que esta forma apresente um registro baixo em contextos que são conceptualizados com grau elevado de certeza epistêmica acerca da realização de um evento futuro.

O gráfico 2 reforça justamente o esclarecimento que fazemos no parágrafo anterior, explicitando que o presente do indicativo é registrado com um percentual de 96% de ocorrência em contextos considerados com grau de certeza epistêmica elevado; ao passo que o futuro simples figura no gráfico como a segunda forma de expressão de futuro mais empregada nos contextos mencionados anteriormente, com um percentual de 66%; e por fim, com 57%, o futuro perifrástico é a forma de expressão que menos figura em contextos de certeza epistêmica elevada, no que se refere à realização do evento na realidade projetada.

Desse modo, concluímos que no gênero matéria jornalística, a ter como base manchetes e lides de jornais eletrônicos, a nuance de significado entre as três formas de expressão de futuro em estudo reside no parâmetro do grau de certeza epistêmica, o qual é avaliado sob a ótica da conceptualização de um evento por parte do jornalista, considerando o seu conhecimento, a sua forma de estruturar a matéria, a sua crença na realização do evento e a sua maneira de projetar este evento para o futuro. Logo, se pensarmos em uma estrutura hierárquica acerca da noção de certeza epistêmica, no topo encontra-se o presente do indicativo, o futuro simples na parte intermediária e na base o futuro perifrástico.

Considerações Finais

Com base neste estudo, podemos concluir que a diferença de significado entre as formas de expressão de futuro presente do indicativo, futuro simples e futuro perifrástico, em matérias jornalísticas de edições eletrônicas, vai muito além de uma visão ingênua que considera o futuro simples como a forma de prestígio.

Neste trabalho desprezamos os postulados canônicos acerca das formas de expressão que denotam futuro no PB, e dotamos um procedimento metodológico que nos permitiu atribuir relevância a outras formas de expressão de futuro no uso da língua: presente do indicativo e futuro perifrástico. Ao organizarmos os contextos de uso das três formas de expressão de futuro em estudo, sob o campo visual de uma lupa, conseguimos identificar que há matizes semântico-pragmáticos que podem ser explorados acerca da realização desse fenômeno na língua.

Para este artigo, selecionamos apenas um – *certeza epistêmica* – a fim de que não só identificássemos os mecanismos que o conceptualizador se utiliza para produzir uma matéria, na qual ele tem crença acerca da realização de um evento, como também notássemos a diferença que existe entre as formas de expressão de futuro (presente do indicativo, futuro simples e futuro perifrástico), no que se refere às situações de baixa ou elevada certeza epistêmica por parte do conceptualizador, em relação à realização do evento na realidade projetada.

Assim, nossa pesquisa demonstrou que o futuro simples é a forma de expressão que é mais empregada em matérias jornalísticas de modalidade digital, entretanto, o presente do indicativo é a forma que apresenta maior registro em contextos de elevado grau de certeza. Diante disso, nossa pesquisa visa a contribuir para os estudos do tempo futuro no Português Brasileiro, sobretudo, no que concerne ao direcionamento para novos procedimentos metodológicos que contemplem os aspectos semântico e pragmático.

REFERÊNCIAS

CROFT, W; CRUSE, D. *Cognitive linguistics*, Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FILLMORE, C. Na alternative to checklist theories of meaning. In: COGEN, C; THOMPSON, H; THURGOOD, G; WHISTLER, K. (eds.). *Proceedings of the Berkeley Linguistic Society*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975, pp. 123-131.

_____. Scenes-and-framesemantics. In: ZAMPOLLI, A. (ed.). *Linguistic structures processing*. Amsterdam: North Holland, 1977, pp. 55-81.

_____. Frame semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1982, pp. 111-137.

GONÇALVES, A. *O analitismo verbal e a expressão de futuro no português brasileiro: um estudo diacrônico*. Belo Horizonte, 2013. Tese (doutorado em letras) – Universidade Federal de Minas Gerais.

LANGACKER, R. The Auxiliary: Grounding. In: *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. II: Descriptive applications. Stanford, California: Stanford University Press, 1991.

_____. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

OLIVEIRA, J. M. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Rio de Janeiro, 2006. Tese (doutorado em letras vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA, R. A representação do tempo futuro em textos escritos: uma análise diacrônica. *Revista da Abralín*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 395-429, 2011. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/viewFile/32359/20558>. Acesso em: 16.09.2016.

VERHAGEN, A. Construal and perspectivization. In: GEERAERTS, H. CUYCKENS (Orgs.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.